

- XVIII -**O PENSAMENTO LIBERAL E SUAS IMPLICAÇÕES
PARA A DOCÊNCIA****Cleide Carvalho de Matos**Universidade Federal do Pará
cleidematos@ufpa.br**Manuelle Espíndola dos Reis**Secretaria Municipal de Educação de Breves
manuelleespindola@hotmail.com**Solange Pereira da Silva**Universidade Federal do Pará
solangesilva@ufpa.br**INTRODUÇÃO**

Com o advento da sociedade burguesa, novos valores sociais e culturais são gestados: a formação do homem passa a ser uma das prerrogativas de um projeto educativo administrado pelo poder político que tem a escola como instituição chave para formar o homem novo. (CAMBI, 1999).

Assim, a escola passou a ser concebida como instituição chave para a transformação do homem e da sociedade. Essa mudança individual e social, almejada por meio da educação, evidencia a necessidade de transformação das teorizações pedagógicas, dado a pedagogia tradicional ser considerada inadequada para a formação desse novo homem.

Essa nova forma de conceber a educação traz implicações para a docência que afetam diretamente o trabalho do professor em sala de aula. Por isso, procuramos problematizar quais as reverberações do pensamento liberal no desenvolvimento da docência? Com a finalidade de compreender as influências do pensamento liberal no desenvolvimento da docência.

A metodologia utilizada para a realização desta investigação foi a pesquisa bibliográfica. Segundo Severino (2007, p. 122), a pesquisa bibliográfica [...] “utiliza-se de

dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”. Ou seja, o pesquisador realiza a sua investigação a partir das contribuições das pesquisas realizadas e registradas em livros, artigos, teses, dissertações, etc.

O PENSAMENTO LIBERAL NA EDUCAÇÃO

O liberalismo forjou ideologicamente um indivíduo alicerçado nas ideias de liberdades individuais, liberdades comerciais, liberdades produtivas, liberdade de trabalho, liberdade de crença, etc. e legitimou, em seu nome, as reivindicações burguesas (ALVES, 2007).

Nessa concepção a escola passa a ser uma instituição social importante, cuja finalidade é a formação de um novo homem, que atendessem as exigências da sociedade que estava surgindo. Desta forma, realizou-se

[...] uma reviravolta radical na educação, colocando no centro a criança, as suas necessidades e as suas capacidades; o fazer que deve preceder o conhecer, o qual procede do global para o particular e, portanto, amadurece inicialmente num plano ‘operatório’ como sublinhou Piaget; a aprendizagem coloca no centro o ambiente e não o saber codificado e tornado sistemático (CAMBI, 1999, p. 513).

Esse novo ideal de educação foi difundido na Europa e nos Estados Unidos, tendo como característica comum a centralidade na atividade da criança. A infância passou a ser concebida como uma fase de desenvolvimento não só motor, mas, também psíquico, necessitando, portanto, de um trabalho pedagógico que potencializasse sua livre manifestação, a qual é, por natureza, espontaneamente, ativa (CAMBI, 1999).

Dewey foi um dos mais importantes teóricos dos ideais liberais no campo educacional. Ele considerava que na sala de aula faltava a vivência da organização social; tal ausência era um dos principais problemas da escola humanística. Para Dewey (2002, p. 24) “[...] a trágica debilidade da escola de hoje reside na sua ambição de preparar os futuros membros do tecido social num meio em que as condições do espírito social faltam visivelmente”.

Dewey (2002) criticou o papel dos professores, a falta de interatividade, o formalismo, a importância da memorização, a competição entre os alunos e, acima de tudo,

o professor autoritário. Por isso, considerava que a escola não favorecia o desenvolvimento integral do aluno, não valorizava a criatividade, não despertava o princípio da autonomia e os ideais da democracia, valores considerados fundamentais para a pedagogia ativa.

Quando o trabalho escolar consiste apenas em decorar as lições, a assistência mútua, em vez de ser a forma mais natural de cooperação e associação, torna-se um esforço clandestino para aliviar o parceiro dos deveres que lhe incumbem. Quando está em curso um trabalho activo, tudo isto muda. Ajudar os outros, em vez de ser uma forma de caridade que empobrece o destinatário, é apenas e só um auxílio para libertar as faculdades e incentivar aquele que é ajudado. (DEWEY, 2002, p. 25).

Dewey (2002) pressupõe que o espírito inovador favorece a iniciativa e a independência do indivíduo, resultando na autonomia e no autogoverno dos estudantes, virtudes consideradas indispensáveis para uma sociedade realmente democrática. Neste sentido, o professor deve ter a função de facilitador da aprendizagem do educando, respeitando seu interesse e suas motivações. Assim, a educação é entendida como a totalidade das experiências vivenciadas pela criança na escola.

As ideias de Dewey, segundo Souza (2018, p. 38) contribuíram para o desenvolvimento das formulações que dão sustentação ao conceito de reflexão, [...] “a qual valoriza a prática e o cotidiano experiencial de vida, ou seja, os conhecimentos escolares e de formação deveria estar articulado à vida”.

É na esteira do pensamento de Dewey que Shön elabora o conceito de professor reflexivo o qual começa a ser incorporado no Brasil nos cursos de formação de professores a partir das reformas educacionais ocorridas na década de 1990 com adesão de muitos intelectuais brasileiros da área de formação de professores (SOUZA, 2018).

Para Duarte (2010, p. 38) as pedagogias do aprender a aprender promovem um impacto negativo no trabalho docente. Pois, a docência fica circunscrita as necessidades e interesses do aluno, “ o professor deixa de ser um mediador entre o aluno e o patrimônio intelectual mais elevado da humanidade, para ser um organizador de atividades que promovam o que alguns chamam de negociação de significados construídos no cotidiano dos alunos”

Ainda de acordo com Duarte (2010, p. 37) “Uma das consequências mais perversas dessa limitação da validade do conhecimento à sua utilidade na prática cotidiana é a reprodução das desigualdades sociais e dos preconceitos que naturalizam tais desigualdades”.

Segundo Duarte (2010, p. 38) “Se o conhecimento mais valorizado na escola passa a ser o conhecimento tácito, cotidiano, pessoal” então o trabalho do professor perde sua relevância social. Pois, para desenvolver essas atividades não há necessidade de uma sólida formação acadêmica.

Desse modo, a importância do professor no processo de ensino-aprendizagem passa também a ser questionada, pois, [...] “as pedagogias do “aprender a aprender” estabelecem uma hierarquia valorativa na qual aprender sozinho situa-se num nível mais elevado do que a aprendizagem resultante da transmissão de conhecimentos por alguém”. (DUARTE, 2001, p. 31).

Portanto, para a pedagogia liberal o trabalho do professor consiste em estimular o aluno a desenvolver suas potencialidades, promover um ambiente que favoreça a aprendizagem, organizar atividades que estimule a curiosidade da criança e não interferir na autonomia do aluno em seu processo educativo.

CONCLUSÃO

O pensamento liberal ao problematizar as metodologias da pedagogia tradicional, propôs uma revisão não só na forma de ensinar, mas também na concepção de aprendizagem, de construção do conhecimento e de docência. Desde modo, influenciou a prática pedagógica de muitos professores brasileiros e, ainda hoje, mantém relação com a atualidade.

Na concepção liberal de educação a importância da escola reside no fato de contribuir para o desenvolvimento da sociedade sem problematizar as questões econômicas, sociais e políticas. Nesse aspecto, o professor deve se restringir a organizar as atividades pedagógicas que atendam as necessidades e interesses dos alunos sem estabelecer relação com o contexto social mais amplo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. O liberalismo e a produção da escola pública moderna. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luiz (orgs.). **Liberalismo e educação em debate**. Campinas, SP: Autores Associados, Histedbr, 2007.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Alvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

DEWEY, John. **A escola e a sociedade**: A criança e o currículo. Tradução de Paulo Faria, Maria João Alvares e Isabel Sá. Lisboa, Pt: Relógio D'Água, 2002.

DUARTE, N. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. In: MARTINS, L. M.; DUARTE, N. (orgs.). **Formação de professores**: limites contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 33-49

SOUZA, Joceli de Fátima Arruda. Referencial teórico e formação de professores: uma análise necessária. In: MATOS, Neide da silva de; SOUZA, Joceli de Fátima Arruda; SILVA, João Carlos da (org.). **Pedagogia histórica-crítica**: revolução e formação de professores. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2018

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23^a ed. São Paulo: Cortez, 2007.